

FITONEMATOIDES ASSOCIADOS À CULTURA DE SOJA NA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL.

Phytonematodes associated to soybean fields in mountain region of Santa Catarina State, Brazil.

YANEZ, L.A.M.¹; GOMES, C.B.²; DALLAGNOL, L.J., BELLÉ, C., ARAÚJO FILHO, J.V.¹. ¹Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade, Universidade Federal de Pelotas, Capão do Leão, RS. ²Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS. E-mail: alejandroyanez91@yahoo.com Apoio: EMBRAPA/CNPq

A soja é a principal cultura agrícola do Brasil, expandindo-se consideravelmente em estados do Sul do Brasil, tais como Santa Catarina. Todavia, informações acerca de alguns fatores limitantes, mormente nematoides, em Santa Catarina praticamente inexistem até o momento. Em face deste cenário, realizou-se um levantamento preliminar de fitonematoides associados à cultura de soja em quatro municípios (Campo Belo do Sul, São José do Cerrito, Curitibaanos, Campos Novos) de Santa Catarina. Foram coletadas 29 amostras (solo e raízes) e, a seguir, espécimes foram obtidos pelo método de Jenkins (1964) (solo) e Coolen & D'Herde (1972) (raízes). A quantificação dos exemplares foi efetuada com auxílio da lâmina de Peters, sob microscópio óptico. No solo, os gêneros encontrados foram: *Pratylenchus* (3,44%), *Helicotylenchus* (79,31%), *Tylenchus* (3,44%), *Xiphinema* (24,13%) e *Mesocriconema* (10,34%). Nas raízes, os gêneros encontrados foram: *Helicotylenchus* (41,37%), e *Pratylenchus* (34,48%). Em relação as densidades médias observadas no solo, o gênero *Helicotylenchus* apresentou os maiores valores médios (422/250ml) (0 - 1900), seguido por *Xiphinema* (16/250 ml) (0 - 100), *Mesocriconema* (7/250 ml) (0 - 100), *Pratylenchus* (2/250 ml) (0 - 50) e *Tylenchus* (2/250ml) (0 - 100). Nas raízes, a maior densidade foi observada para *Pratylenchus* (331/10g) (0 - 500), seguido de *Helicotylenchus* (124/10 g) (0 - 350). Coletivamente, estes resultados vêm sugerir que, apesar da não ocorrência de danos evidentes, estratégias direcionadas ao manejo de fitonematoides devem ser adotadas na região, sobretudo pela presença de morfotipos similares a *P. brachyuruse* níveis populacionais elevados de *Helicotylenchus*.

RECORRÊNCIA DO AMARELÃO DO ALHO (*Ditylenchus dipsaci*) NO EXTREMO SUL DO RIO GRANDE DO SUL.

Recurrence of garlic yellow (*Ditylenchus dipsaci*) in the extreme south of Rio Grande do Sul state.

GRINBERG, P.S.¹; GOMES, C.B.². ¹Clínica Fitossanitária – Convênio ASCAR/Emater, RS e Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS. ²Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS. E-mail: patricia.grinberg@colaborador.embrapa.br

A cadeia produtiva do alho no Brasil, mesmo diante das dificuldades de comercialização direta, promovida pela concorrência das importações da China, Argentina e Espanha, cresceu de 10.791 ha em 2015 para 11.209 ha em 2017. O estado do Rio Grande do Sul é a quarta região brasileira que mais produz alho. Os agricultores familiares da Quitéria, localidade situada no extremo sul do Rio Grande do Sul, possuem uma relação histórica com o cultivo de alho macho e Quitéria, variedades que apresentam alta suscetibilidade a doença conhecida como “Amarelão”, causada pelo nematoide *Ditylenchus dipsaci*, a qual se constitui em ameaça às lavouras de alho da região, uma vez que o patógeno já foi detectado nas adjacências há mais de 20 anos. Em amostras de plantas de alho enviadas por técnicos extensionistas da Emater/RS, para análise na Clínica Fitossanitária (Convênio Embrapa CPACT e Emater/RS), serviço de extensão que fornece diagnose de doenças e pragas, provenientes das demandas do campo foi diagnosticada a presença de *D. dipsaci*. Posteriormente a equipe técnica visitou as lavouras que apresentavam sintomas de folhas amareladas em reboleira, engrossamento do pseudocaule, bulbos chochos, além de bulbos já deteriorados, cujos danos estimados pelo produtor foram de aproximadamente de 30% nesta safra. Os mesmos sintomas foram observados em outras lavouras da região, constituindo-se como um problema recorrente. Considerando-se a carência de investigação de variedades resistentes, bem como de resultados de campo que evidenciem a tolerância ou resistência do alho a *D. dipsaci*, práticas de manejo preventivo estão sendo discutidas com produtores de alho da região, visando a implantação de medidas mitigatórias para este problema.